

OLIMPIADA BRASILEIRA EM HISTÓRIA DO BRASIL

3º CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: HISTÓRIA DO ÍNDIO NA SALA DE AULA

Professora Cristiane Aparecida Fontana Grümml (Instituto Federal Catarinense – campus Videira)

::: AULA 2 - DOCUMENTO 1: Com que cerimônias matam e comem seus inimigos. Como os matam e como os tratam (Hans Staden, 1557) :::

Quando trazem para casa os seus inimigos, as mulheres e as crianças os esbofeteiam. Enfeitam-nos depois com as penas pardas; cortam-lhes as sobancelhas; dançam em roda deles, amarrando-os bem, para que não fujam.

Dão-lhes uma mulher para os guardar e também ter relações com eles. Se ela concebe, educam a criança até ficar grande; e depois, quando melhor lhes parece, matam-na a esta e a devoram. Fornecem aos prisioneiros boa comida; tratam assim deles algum tempo, e ao começarem os preparativos, fabricam muitos potes especiais, nos quais põem todo o necessário para pintá-los; ajuntam feixes de penas que amarram no bastão com que os hão de matar.

Trançam também uma corda comprida a que chamam *Massurana* [Mussurana], com a qual os amarram na hora de morrer. Terminados todos os preparativos, marcam o dia do sacrifício. Convidam então os selvagens de outras aldeias para aí se reunirem naquela época. Enchem todas as vasilhas de bebidas e, um ou dois dias antes que as mulheres tenham feito essas bebidas, conduzem o prisioneiro uma ou duas vezes pela praça e dançam ao redor dele.

Reunidos todos os convidados, o chefe da cabana lhes dá as boas vindas e lhes diz: “Vinde ajudar agora a comer o vosso inimigo”. Dias antes de começarem a beber, amarram a *mussurana* ao pescoço do prisioneiro. No mesmo dia, pintam e enfeitam o bastão chamado *Iwera Pemme*, com que o matam (...).

Tem este mais de uma braça de cumprido e o untam com uma substância que gruda. Tomam então cascas pardas de ovos de um pássaro chamado *Mackukawa*, e moem-nas até reduzi-las a pó, que esfregam no bastão. Uma mulher, então, risca figuras nesse pó aderente ao bastão e, enquanto ela desenha, as mulheres todas cantam ao redor. Uma vez pronto o *Iwera Pemme* com os enfeites de penas e outras preparações, penduram-no em uma cabana desocupada e cantam ao redor dele toda a noite.

Do mesmo modo pintam a cara do prisioneiro, e enquanto uma das mulheres o está pintando, as outras cantam. E logo que começam a beber, levam o prisioneiro para lá, bebem com ele e com ele se entretêm. Acabando de beber, descansam no dia seguinte; fazem depois uma casinha para o prisioneiro, no lugar onde ele deve morrer. Ali fica ele durante a noite, bem guardado.

De manhã, antes de clarear o dia, vão dançar e cantar ao redor do bastão com que o devem matar. Tiram então o prisioneiro da casinha e a desmancham, para abrir espaço; amarram a *mussurana* ao pescoço e em redor do corpo do paciente, esticando-a para os dois lados. Assim ele fica no meio, amarrado, e muitos deles a segurarem a corda pelas duas pontas. Deixam-no assim ficar por algum tempo; dão-lhe pedrinhas para ele arremessar sobre as mulheres que andam em roda ameaçando devorá-lo. Estão elas então pintadas e prontas para, quando o prisioneiro estiver reduzido a postas, comerem os quatro primeiros pedaços ao redor das cabanas. Nisto consiste o seu divertimento. Isto pronto, fazem um fogo cerca de dois passos do prisioneiro, para que este o veja. Depois vem uma mulher correndo com o *Iwera Pemme*; vira os feixes de penas para cima; grita de alegria e passa pelo prisioneiro, para que este o veja.

Feito isto, um homem toma da clava; dirige-se para o prisioneiro; para na sua frente e lhe mostra o cacete para que ele o veja. Enquanto isso, aquele que deve matar o prisioneiro vai com uns 14 ou 15 dos seus e pinta o próprio corpo de pardo, com cinza. Volta, então, com os seus companheiros para o lugar onde está o prisioneiro, e aquele que tinha ficado em frente deste lhe entrega a maça. Surge agora o principal [chefe] das cabanas; toma a clava e a enfia por ente as pernas daquele que deve desfechar o golpe mortal.

Isso é por eles considerado uma grande honra. De novo, aquele que deve matar o prisioneiro pega na clava e diz: “Sim, aqui estou, quero te matar, porque os teus também mataram a muitos dos meus amigos e os devoraram”. Responde-lhe o outro: “Depois de morto, tenho ainda muitos amigos que de certo me hão de vingar”. Então desfecha-lhe o matador um golpe na nuca, os miolos saltam e logo as mulheres toma o corpo, puxando-o para o fogo; esfolam-no até ficar bem alvo e lhe enfiam um pauzinho por detrás, para que nada lhe escape.

Uma vez esfolado, um homem o toma e lhe corta as pernas, acima dos joelhos, e também os braços. Vêm então as mulheres; pegam nos quatro pedaços e correm ao redor das cabanas, fazendo um grande vozerio. Depois, abrem-lhe as costas, que separam do lado da frente, e repartem entre si; mas as mulheres guardam os intestinos, fervem-nos e do caldo fazem uma sopa que se chama *moquém*, que elas e as crianças bebem.

Comem os intestinos e também a carne da cabeça; os miolos, a língua e o mais que houver são para as crianças. Tudo acabado, volta cada qual para sua casa levando o seu quinhão. Aquele que foi o matador ganha mais um nome, e o principal das cabanas risca-lhe o braço com o dente de um animal feroz. Quando sara, fica a marca; e isto é a honra que tem. Depois tem ele, no mesmo dia, de ficar em repouso, deitado na sua rede e lhe dão um pequeno arco e uma flecha para passar o tempo atirando em um alvo de cera. Isto é feito para que os braços não fiquem incertos, do susto de ter matado. Tudo isto vi e presenciei.

[Extraído de: STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1930, p. 160-168.

::: DOCUMENTO 2: De como os americanos tratam os prisioneiros de guerra e das cerimônias observadas ao matá-los e devorá-los (Jean de Léry, 1578) :::

O selvagem encarregado da execução levanta então o tapete com ambas as mãos e desfecha tal pancada na cabeça do pobre prisioneiro que ele cai morto sem sequer mover braço ou perna. O executor costuma bater com tal destreza que não se faz necessário repetir o golpe e nem a vítima perde muito sangue.

Imediatamente depois de morto o prisioneiro, a mulher coloca-se junto ao cadáver e levanta curto pranto. Em seguida, as outras mulheres, sobretudo as velhas, que são mais gulosas de carne humana e anseiam pela morte do prisioneiro, chegam com água fervendo, esfregam e escaldam o corpo a fim de arrancar-lhe a epiderme. Logo depois, o dono da vítima e alguns ajudantes abrem o corpo, com rapidez. Esses selvagens pegam os filhos, uns após os outros, e lhes esfregam o corpo, os braços e as pernas com o sangue do inimigo a fim de torná-los mais valentes.

Todas as partes do corpo, inclusive as tripas depois de bem lavadas, são colocadas no *moquém*, em torno do qual, as mulheres, principalmente as gulosas velhas, se reúnem para recolher a gordura que escorrem pelas varas dessa alta e grande grelha de madeira, lambem os dedos e dizem *iguatú* que quer dizer “está muito bom”. Todos comem.

[Extraído de: LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961, p. 177-178.

::: DOCUMENTO 3: Os relatos de viagem a serviço do protestantismo (Ciência Hoje, 2011) :::

A folha de rosto do livro de Hans Staden (frontispício) – que, como era comum então, era vendida antes de ser encadernado – indica como as estratégias de credibilização do relato se associam aos novos recursos tipográficos. Ao lado do peso conferido ao nome do viajante, alardeado como testemunha e autor do relato, aparecem também os nomes de Felipe I de Hesse (1504-1567), o príncipe protestante a quem o livro é dedicado, e Johann Dryander (1500-1560), professor de medicina da Universidade de Marburg, que prefacia o livro. O aval do principado e da universidade, ambas instituições estabelecidas no decorrer da Reforma Protestante, confere ao livro o caráter de um impresso oficial.

Também o local de impressão da obra, apresentada na folha de rosto, e o nome do tipógrafo Andreas Kolbe nas notas finais, especializado em publicações acadêmicas e documentos do governo, conferiam credibilidade aos relatos de Staden (...).

Além disso, a interpretação do retorno de Hans Staden a Hesse (Prússia) como salvação miraculosa, apresentada pelo editor alemão, concilia o relato não apenas à doutrina protestante da salvação somente pela fé, mas também com a reafirmação pública de sua fé exigida para admissão em instituições protestantes. Ao transformar o mercenário a serviço de monarcas católicos em súdito fiel do príncipe de Hesse, a publicação do relato sela a readmissão ao protestantismo de uma alma perdida entre os pagãos.

[Extraído e adaptado de: BÔAS, Luciana Villas. “O livro de Hans Staden e a História do Brasil Colonial”. **Ciência Hoje**, vol. 48, ed. 286, out. 2014, p. 22-23.]

::: DOCUMENTO 4: Antropofagia (Theodore de Bry, 1594) :::



Ao lado, vemos uma das gravuras que ilustram a edição de luxo dos relatos de Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil* (1594). Posteriormente, Theodore de Bry incluiu estes relatos em seu ambicioso projeto editorial denominado *Grandes e Pequenas Viagens* (1590-1634).